



Fundado no Sesquicentenário
da Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO
GRANDE DO SUL

23 anos do IHTRGS

Ano 2009

Nº 81

Em 29Jul09 na sede do Clube Militar no Rio, o Gen Figueiredo foi empossado como acadêmico da AHIMTB na cadeira 22. Como é norma da Academia, um outro acadêmico recebe o novo, o que foi feito pelo Gen Ex Castro.

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

Clube Militar, RJ, em 29 de julho de 2009

SAUDAÇÃO DE POSSE AO GENERAL FIGUEIREDO

Estimado General Gilberto Barbosa de Figueiredo! Caríssimo amigo, confrade e presidente, nossos estribos têm se chocado em sucessivas cavalgadas. Hoje, sob sinceros sentimentos de honra e emoção tenho a grata felicidade de saudá-lo em nome da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, a qual o Senhor integrou como Segundo Presidente de Honra à época em que ocupou o respeitado, dignificante e sensível cargo de Chefe do então Departamento de Ensino e Pesquisa, sucedido pelo Departamento de Educação e Cultura do Exército, firmemente edificado sobre os alicerces que seus antecessores lançaram e que o ilustre acadêmico fortaleceu com proficiência e visão de futuro.

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil estende e abre seus braços, com justificado júbilo, para acolhê-lo e abraçá-lo. A Academia foi fundada em 1º de março de 1996, em Resende, a Cidade dos Cadetes, como, carinhosamente, a chama seu criador e Presidente, o renomado historiador militar Coronel Cláudio Moreira Bento. O dia de sua fundação coincide com o do término da Guerra da Tríplice Aliança, cujos episódios terão seus sesquicentenários sendo comemorados muito em breve, páginas que serão rememoradas e exaltadas com justiça e orgulho apenas pelos brasileiros de bem, aqueles que efetivamente têm compromisso com a Terra de Santa Cruz. Coincide, também, com o início do ensino castrense na Academia Militar das Agulhas Negras, escola de nível superior do nosso queridíssimo Exército, legado da transmigração da Família Real Portuguesa para o Brasil, AMAN que, ao longo de 2011, comemorará condignamente seu bicentenário.

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil, idealizada e consolidada pela tenacidade e pelo idealismo de seu fundador congrega acadêmicos eméritos, titulares de cadeiras, cadeiras especiais e seniores, delegacias, colaboradores e correspondentes. A todos une fortíssimo laço, a causa da História Militar. Diria mesmo, a causa da História, ciência sobre a qual ensinou Cícero em *“De Oratore”*: *“Historia Magistra Vitae”*.

Seus integrantes comungam de nobres ideais, destacando-se a plena consciência e a firme convicção da relevância do estudo, da pesquisa e da divulgação da História Militar desta abençoada terra batizada sob o sinal da Cruz. A missão que nos auto-impusemos consiste em revelar para nossos concidadãos, alunos e comandados os vultos que escreveram páginas de bravura, de sacrifício e de glória na própria História do Brasil, da qual as mais memoráveis passagens encontram-se na História Militar verde-e-amarela. Trata-se, também, de aprender, por meio de seus feitos, as lições e os exemplos de virtudes militares e de cidadãos honrados que seus destacados capitães e anônimos

soldados legaram às gerações que os sucederam. Trata-se, ainda, de explorar as vitórias que conquistaram nos campos de batalha tanto derrotando o inimigo externo, ameaça à integridade do território e do patrimônio nacional, quanto vencendo o inimigo interno, ensandecido pelo vírus da ideologia, ameaça à própria existência da nacionalidade. Trata-se, em síntese, de despertar o orgulho, a vibração, o amor próprio, o entusiasmo, a felicidade e a alegria sem par de ser brasileiro e de se tornar um guerreiro de suas forças armadas e auxiliares. Trata-se, enfim, de combater o bom combate, apresentando, com base em fontes irrefutáveis, a gloriosa história militar de nossa Pátria, combate este que assume contornos mais relevantes na quadra em que vivemos quando nos cabe enfrentar e derrotar os revisionistas históricos. Temos vencido este bom combate e haveremos de sobrepujá-los sempre, já que estamos armados com a verdade, a fé, a brasilidade, a honestidade, a sinceridade, a seriedade e a inabalável convicção no valor dos homens e mulheres de armas do Brasil.

A cadeira número 22, que o prezadíssimo confrade ocupará, foi inaugurada pelo próprio fundador da Academia, o incansável batalhador pela causa da História Militar, Coronel Cláudio Moreira Bento. Seu segundo ocupante, a quem tive a subida honra de saudar em nome da Academia, foi o último Ministro do Exército e primeiro Comandante da nossa Força, o General-de-Exército Gleuber Vieira, cuja liderança militar foi e continua sendo singular exemplo para todos os que envergam a farda verde-oliva. Seus antecessores, General Figueiredo, foram promovidos a acadêmicos eméritos, honraria que lhes concedeu a Academia. É também em nome deles que me coube a gratíssima missão de saudá-lo e de apresentar-lhe votos eloqüentes de boas-vindas.

Sua cadeira, amigo cavalariano, tem como patrono o também cavalariano Marechal José Pessoa Cavalcante de Albuquerque. Sobre este notável do Exército e da Arma de Osório assim se lê à página 820 da História do Exército Brasileiro: *“como Tenente, comandou um pelotão do 4º Regimento de Dragões do Exército Francês, durante a Primeira Guerra Mundial. Organizou a primeira unidade de carros de combate no Brasil e escreveu a obra ‘Os Tanques na Guerra Européia’. Foi o idealizador da Academia Militar das Agulhas Negras. Participou dos trabalhos de localização da nova Capital.”* Observa-se que para ocupar a cadeira que ostenta por patrono um ícone da Cavalaria do Legendário, ninguém melhor do que um espora dourada, o amigo cavalariano.

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil cresce e se enriquece com a chegada do General Figueiredo para ocupar a Cadeira nº 22. Sua obra é conhecida e reconhecida. Como Chefe do então Departamento de Ensino e Pesquisa, deu prosseguimento e consolidou inúmeras iniciativas de seus antecessores naquele órgão de direção setorial, especialmente do General Gleuber Vieira. Aí estão, vicejando em nossos estabelecimentos de ensino, os Clubes de História e de História Militar; aí está o Arquivo Histórico do Exército em pleno processo de modernização e informatização, diariamente consultado por pesquisadores do mundo acadêmico brasileiro e do exterior, tendo batido sucessivos recordes anuais de recebimento de comitivas visitantes. Aí estão os cursos de pós-graduação *latu sensu* de História Militar, presenciais e à distância, parcerias vitoriosas e consolidadas entre o Exército, renomadas universidades brasileiras e o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Aí está a vasta e crescente produção intelectual de nossos alunos, sob a forma de trabalhos de conclusão de curso, de dissertações, teses e artigos científicos. Aí está o Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana, terceiro ponto turístico mais visitado do Rio de Janeiro, cuja dependência mais recentemente inaugurada, faz justiça aos presidentes militares do Brasil e divulga sua notável obra. Aí está o Museu Militar Conde de Linhares em profundo, amplo e empolgante processo de renovação e modernização, prestes a acolher a Casa da FEB. Aí estão, em nossas organizações militares, museus e salas históricas, preservando e divulgando o riquíssimo patrimônio histórico e cultural do Exército. Aí está o Programa de Leitura, para o qual o Senhor deu a merecida prioridade, comprovando que nossos militares lêem e têm prazer na leitura, boa parte dela dedicada à História Militar. Aí está o Projeto História Oral, do qual o Senhor foi corajoso apoiador e estimulador. É necessário registrar que foi graças à patriótica coragem do estimado amigo que a História Oral da Revolução Democrática de 1964 teve continuidade permitindo a pesquisadores e leitores acessar a verdade sobre a epopéia salvadora que as Forças Armadas e o povo brasileiro empreenderam naquela difícil quadra da Guerra Fria.



deveria promover. Aliás, foi por amor à democracia ele sabia que o presidente João Goulart, simpatizante do Comunismo e da então URSS desse um golpe iminente e previsível de Estado. Em 1935 os comunistas tentaram tomar o poder. Os Integralistas, juntamente com Vargas sustaram o golpe onde o principal responsável foi então Capitão do Exército Olympio Mourão Filho (1900-1972), grande herói nacional ao combate no câncer do comunismo.

Anos depois, em 64, o mesmo Olympio Mourão filho, já General, frustrou outra tentativa de golpe, desta vez vindo do próprio Presidente da República, o pró-comunista Jango Goulart com suas reformas de base, nacionalização das empresas, reformas urbanas e rurais, ou seja caminho aberto ao comunismo. João Goulart traiu a nação e tentou transformar o Brasil num satélite da URSS. O povo já sabia disso, tanto que no início de 64 houve a brilhante **Marcha da Família com Deus pela Liberdade**, contra o governo pró-comunista de Jango. A disposição de São Paulo e dos brasileiros de todos os recantos da pátria para defender a Constituição e os princípios democráticos originou o maior movimento cívico já observado até esta data.

A "Marcha" começou na praça da Republica e terminou na praça da Sé, que viveu um de seus maiores dias. Meio milhão de homens, mulheres e jovens - sem preconceitos de cor, credo religioso ou posição social - foram mobilizados pelo acontecimento com "vivas" à democracia e à Constituição vaiando os "traidores da pátria".

No começo de 1964, todas as frentes políticas desejavam o golpe, mas ninguém queria iniciá-lo. O general Mourão, chefe da 4a Região Militar em Minas Gerais, resolveu o problema até porque no dia 9 de maio ele se aposentaria. Na madrugada do dia 31 de março, as forças do general Olimpio Mourão Filho deixaram Juiz de Fora, sede da IV Região Militar, indo em direção ao Rio de Janeiro sem encontrar resistência. A IV Divisão de Infantaria, reforçada por dois outros regimentos vindos de Belo Horizonte e São João Del Rei, terminou por se confraternizar no meio do caminho com as guarnições do I Exército que haviam partido da ex-capital federal com a missão de confrontá-la. Na manhã do dia 31 de março Mourão disparou telefonemas para todo o Brasil, dizendo: "Minhas tropas estão na rua!". Esta operação se chamou "Operação Popeye", em referência ao seu inseparável cachimbo. Aconselhado pelo general Amaury Krueel, comandante do II Exército, o Presidente, pego de surpresa, quase paralisado, morrendo de medo, desistiu de manter qualquer resistência na ex-capital federal. Depois de decolar do Rio de Janeiro para Brasília, lá vendo tudo perdido, Goulart decidiu voar para o Rio Grande do Sul, sua terra natal, para poder fazer uma avaliação da situação. Sentiu que o ânimo do III Exército, comandado pelo general Ladário Teles, em apoiá-lo não era nada entusiástico, afinal quem apoiaria um traidor? No dia 2 de abril, em seguida ao Presidente do Senado Auro de Moura Andrade ter declarado a vacância da presidência pela deserção de Goulart, ele fugiu covardemente de Porto Alegre para ir asilar-se em terras uruguaias e depois argentinas. **Nenhum tiro foi disparado em favor do governo de Goulart, foi uma revolução pacífica. Todos queriam a derrubada do traidor comunista.**

Enquanto isso, com a retirada de Goulart para Brasília, milhares de lenços brancos eram acenados dos altos dos edifícios da Avenida Atlântica, em Copacabana, celebrando a queda dele. Em 2 de abril, mais de 1 milhão de pessoas participaram no Rio, da **"Marcha da Vitória"** para saudar a queda do traidor João Goulart. Pelas ruas ecoavam as buzinas, intermitentes, expressando o alívio e o contentamento do povo com o desenlace dos fatos. Das janelas dos carros em movimento gritavam **"Um, dois, três, Jango no xadrez!"**. **Mais uma vez a corja comunista saía derrotada, obrigado General Mourão Filho, herói do Brasil !**

**Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Vice-Pres. e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS.
E-mail: lecaminha@gmail.com**